

**“VOCÊ ESTÁ FAZENDO UMA  
PESQUISA SOBRE RELIGIÃO E  
ESTUDANDO A NOSSA TURMA”:  
PESQUISA, PESQUISADOR E  
PESQUISADO - UMA RELAÇÃO  
POSSÍVEL**

**“YOU ARE DOING A RESEARCH ON  
RELIGION AND STUDYING OUR  
CLASS”: RESEARCH, RESEARCHER  
AND RESEARCHED -- A POSSIBLE  
RELATIONSHIP”**

**Rosiane Brandão Siqueira Alves 1  
Rejane Brandão Siqueira 2**

**Resumo:** O presente texto apresenta um percurso metodológico de pesquisa que buscou olhar e escutar a criança em uma perspectiva de percepção, compreensão e modos de reconhecimento do outro e para isso, o filósofo do diálogo Martin Buber (2001, 2014) e da linguagem, Mikhail Bakhtin (2002, 2008, 2010) foram as referências teóricas adotadas para capturar o diálogo que estruturado na linguagem, atravessa a vida e a vida é por ela atravessada, é produção humana acontecida na história. Nesse percurso, entrevistas e observações abriram caminhos para compreender formas de interação e ações dos e entre os sujeitos constituindo desafios que caracterizam a observação com crianças que provoca um olhar caçador comprometido em reconhecer sua inteireza enquanto sujeitos de suas ações, ou seja, observá-las como indivíduos que não somente são influenciados, mas influenciadoras dos diálogos.

**Palavras-chave:** Escuta. Diálogo. Criança.

**Resume:** This text presents a methodological research path that sought to look and listen to the child in a perspective of perception, understanding and ways of recognizing the other and for that, the philosopher of dialogue Martin Buber (2001, 2014) and language, Mikhail Bakhtin (2002, 2008, 2010) were the theoretical references adopted to capture the dialogue that is structured in language, goes through life and life goes through it, it is human production that happened in history. Along this path, interviews and observations opened ways to understand forms of interaction and actions by and between subjects, constituting challenges that characterize observation with children, which causes a hunter's eye committed to recognizing their wholeness as subjects of their actions, that is, observing them as individuals who are not only influenced, but influencing dialogues.

**Keywords:** Listening. Dialogue. Children.

---

Doutoranda em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6533-7745>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5888209633454272>.  
E-mail: [rosianebrandao14@gmail.com](mailto:rosianebrandao14@gmail.com) | 1

Doutora em Educação (PUC-Rio). Seeduc/Faetec. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9927-3396>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6232543538491609>.  
E-mail: [rejsiqueira@gmail.com](mailto:rejsiqueira@gmail.com) | 2

## Introdução

No tempo presente, as relações e interações entre os sujeitos estão em perigo pela ausência de atitudes de aceitação e reconhecimento do outro, seja ele igual ou diferente, portanto, abordar o diálogo como objeto de estudo é uma oportunidade de atuar sobre a questão de modo a desmistificá-la.

Apresentar o que foi observado sendo presença e escuta, assumindo responsabilidades é o objetivo do texto que traz o percurso da pesquisa no cotidiano de uma instituição escolar pontuando como foram tecidas as relações e construídos vínculo entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, ou seja, relações adulto-adulto/ adulto-criança.

Ver e ouvir as crianças com escuta sensível e olhar atento, observar suas interações entre pares e adultos no espaço escolar considerando que o estudo dessas relações contribuirá para conhecer a visão de sociedade que manifestam e, a partir dela pensar a infância e o contexto em que acontece, é a premissa deste trabalho que em uma perspectiva de pesquisa como convite, propõe a ampliação e aprofundamento dos estudos e conhecimentos sobre o tema da religião na escola a fim de contribuir para que a criança seja vista e tratada em suas especificidades e singularidades enquanto sujeito ativo e criador, e não apenas como possibilidades, folha em branco, homem do amanhã, cidadão do futuro ou projeto de vida, de futuro, de sociedade e de mundo, um vir a ser.

Produtora de cultura e nela produzida, que nas interações aprende, forma, cria e transforma; a criança é sujeito ativo que participa e intervém na realidade; cresce e se modifica sendo constituída a partir de sua classe social, etnia, gênero e por diferenças físicas, psicológicas e culturais, desse modo, suas ações são maneiras de reelaborar e recriar o mundo (KRAMER; MOTTA, 2010). A partir dessa concepção, considera-se que ao ocupar o espaço escolar ela o faz inteira, com sua cor, gênero, orientação sexual, convicções políticas e crenças ou descrenças religiosas.

Kramer (1992) tem defendido uma concepção que reconhece na infância seu poder de imaginação, fantasia e criação, portanto entender que as crianças produzem cultura e possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem, propõe que olhemos o mundo por meio da ótica dessas. Por outro lado, conceber a criança como pobre e incapaz legítima uma posição ideológica, reprodutora de uma realidade, de um modelo padrão, heterogênea, ou seja, desconsiderando a realidade social, econômica, cultural, emocional e particular de cada uma.

Tomada como sujeito de pesquisa, a criança é abordada na perspectiva do outro. E na busca por um olhar de reconhecimento, percepção e compreensão, o filósofo do diálogo Martin Buber (2001, 2014) e da linguagem, Mikhail Bakhtin (2002, 2008, 2010) possibilitam capturar o diálogo que estruturado na linguagem atravessa a vida e é por ela atravessada, é produção humana acontecida na história.

Pensar o diálogo como possibilidade para as instituições escolares contribui para que sejam compreendidas como espaços onde crianças e adultos partilham aprendizados, tolerância, humanidade e segurança. Onde as diferentes percepções de todos os sujeitos, ou seja, educandos e educadores, devam ser ouvidas sem desconhecer a singularidade das diferenças e vivenciar a riqueza da diversidade.

Conhecer é escutar atores sociais e permitir que exponham suas convicções. É uma maneira de tornar a escola um ambiente mais democrático, fazendo conhecidas as diferenças. Diante disso, as contribuições dos estudos da infância, como campo interdisciplinar de conhecimento que fornece elementos para pensar a infância e a criança no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, possibilitam problematizar as condições que a contemporaneidade tem oferecido ao diálogo e às relações entre criança-criança/ adulto-criança, tendo na criança a sua centralidade.

Para Buber, “a relação educativa é uma relação puramente dialógica” (BUBER, 2004, p. 26) e a pesquisa realizada com as crianças de em uma escola abrange o desafio da educação institucionalizada de transformar o ELE em TU, que para Buber (2014) acontece quando digo TU ao outro e o aceito em sua e na totalidade do meu ser, e por ele sou assim aceito. Afinal para que a escuta senão para responder?

Nessa perspectiva, com o objetivo de pesquisar o cotidiano de crianças das classes populares de um dos municípios da Baixada Fluminense/RJ, suas interações com seus pares e com adultos no espaço escolar, dentro e fora de sala de aula (nas horas vagas, no recreio e nos eventos fora da escola), a fim de conhecer e escutar, na perspectiva filosófica do diálogo o que escutam, praticam e falam sobre a religião, a pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública com crianças na faixa etária entre 11 e 13 anos, nas aulas de história e geografia do 6º ano de escolaridade, em decorrência de o conteúdo de história desse ano de escolaridade ser um possível disparador do assunto da religião e, uma oportunidade de situações espontâneas de manifestação religiosa..

A abordagem de uma escola como campo de pesquisa requer um olhar e estudo interpretativo, e compreensão de suas especificidades, ainda que ela se integre um campo institucional.

Para Bakhtin (2003), as interações são chave para o entendimento do ser humano que se constitui em relação. Na construção da ponte entre pesquisador e pesquisados, diálogo e presença se constituem caminhos possíveis e fundamentais na construção da relação entre sujeitos, o que implica o desafio da alteridade, do conhecimento e do reconhecimento do outro que exige atenção, presença para ouvir, ver, perceber, sentir, vincular, disponibilizar, acolher, ações essenciais no estudo dos fenômenos humanos que orientam o percurso metodológico da pesquisa em que: as observações com descrição densa em diários de campo fornecem pistas para a compreensão da circulação do tema da religião na escola; a análise documental permite conhecer dados que singularizam os sujeitos; a roda de conversa possibilita o diálogo e viabiliza a relação entre pesquisadora e pesquisados e, por fim, as entrevistas individuais apontam caminhos dos modos como a criança percebe a circulação do tema da religião na escola.

## **Escolhas e estratégias: para iniciar o percurso é preciso mapear o território**

O percurso da investigação possibilita ouvir e partilhar histórias, conhecer e compreender sujeitos e objetos que ocupam as cenas, junto com o imaginário que os envolve. Cada lugar - pátio, corredores, sala de professores, salas de aula, refeitório ou quadra – é um espaço plural potente que desperta variados sentimentos e curiosidades. Todos esses lugares provocam a criação de inúmeras histórias sobre acontecimentos e pessoas que inventam e reinventam cotidianamente esses espaços/tempos. E essa dinâmica constrói as imagens que constituem o campo da pesquisa.

Segundo Motta, o “pesquisador deve ir à busca da gênese das questões, reconstruindo sua história em busca de uma integração entre os fenômenos individuais observados e os processos sociais dos quais fazem parte” (2010, p.66). Para conhecer e compreender os sujeitos participantes e o contexto envolvido na investigação, com a autorização da direção e secretária da escola, recorreu-se a uma análise documental a partir das fichas de matrícula e da confirmação de matrícula, arquivadas na secretaria da escola.

A ficha de matrícula/ renovação de matrícula compõe a pasta individual do aluno onde estão contidas as informações pessoais, cópia de documentos de identificação, a saber: uma ficha com os dados pessoais das crianças, preenchida pela escola<sup>1</sup>; cópias da certidão de nascimento, do comprovante de residência e do histórico e declaração de escolaridade. O acesso a tais documentos, mediado pela secretária escolar foi fundamental para mapear dados socioeconômicos e identificar as complexidades e singularidades da turma observada.

Inicialmente, a análise da ficha de matrícula/renovação de matrícula e a opção dos responsáveis pelo ensino religioso e pela língua estrangeira, disciplinas optativas no currículo vigente, suscitou, a priori, a construção de categorias que, posteriormente a partir dos dados do campo foram desdobradas em subcategorias. Como, por exemplo, identificar as religiões declaradas pelos responsáveis nas fichas ofereceu elementos para compreender falas, posturas e ações dos sujeitos pesquisados durante as observações.

1 Ficha preenchida no site <http://conexao.educacao.rj.gov.br/conexaoeducacao>

O processo de escuta e observação desse campo exige comprometimento ético do pesquisador e envolve práticas que consideram os sujeitos na sua liberdade de opinião e autonomia, bem como exige da instituição pública a sua abertura para o levantamento de dados para a pesquisa. Diante disso, para a definição da escola pesquisada inicialmente foram realizadas observações exploratórias em três escolas públicas estaduais que atendiam aos critérios de escolha de campo: abertura à pesquisa, interesse pelo tema e oferta de matrículas do segundo segmento do Ensino Fundamental.

Diante da receptividade e concordância das respectivas instituições escolares, foram adotados os procedimentos burocráticos com a submissão da documentação ao órgão competente a fim de obter a autorização de pesquisa e atendendo às exigências foi aberto um processo no setor indicado e anexados uma cópia do projeto, a relação das escolas escolhidas, a aprovação do comitê de ética, a declaração da Universidade e o cronograma da pesquisa. Passados cinquenta dias, por contato telefônico, houve a convocação para o comparecimento para ciência do parecer favorável à pesquisa expedido pelos setores pedagógico e de Ensino Religioso. Ressalta-se que, tomar ciência significou a leitura oral presencial do parecer, ou seja, não foi disponibilizada e nem consentida a fotocópia do mesmo, o provoca um estranhamento e leva a questionar quais fatores estão implicados na circulação do documento em que estava impressa a obrigatoriedade de devolução dos resultados da pesquisa à Seeduc RJ<sup>2</sup>, compromisso já registrado no pedido de autorização, incluindo a disponibilidade dos materiais produzidos a partir da pesquisa em forma de relatórios e textos escritos, bem como a possibilidade de apresentação oral dos resultados às equipes.

Cumprido o percurso inicial marcado por conhecimento, reconhecimento e legitimação do campo, após a fase exploratória e parecer favorável para desenvolver a pesquisa nas três instituições, em decorrência da abertura à pesquisa e interesse pelo tema foi definida uma das escolas como campo da pesquisa com o objetivo de escutar, conhecer e compreender o que as crianças praticam e falam sobre a religião na escola.

A entrada no campo norteadas por questionamentos orientam e organizam as observações: (1) Há manifestações religiosas na escola?; (2) Se há, quando e como acontecem?; (3) De que maneira as crianças agem e reagem, com seus pares e com os adultos, nessas situações?; (4) As crianças têm contato com objetos, imagens, textos ou símbolos religiosos no espaço escolar?; (5) O que elas falam desses objetos ou imagens? Além dessas, considerando as especificidades do campo e dos sujeitos, outras questões se colocam: As crianças expressam em suas falas, brincadeiras, músicas, danças ou peças teatrais, aspectos relacionados à religião? Caso sim, como os professores agem e reagem a tais manifestações? Há situações de embate que afetam diretamente ou indiretamente as crenças? Como alunos e professores se colocam; como reagem? Há aulas de ensino religioso? A escola oferece alternativas para os estudantes que não queiram participar? Caso sim, quais? A compreensão, análise e discussão destas questões, implicam na definição do campo e dos sujeitos pesquisados. Todavia, tais escolhas são apenas o primeiro passo para o processo de pesquisa, visto que, a pesquisa emerge do campo.

Metodologicamente, optou-se pelo registro das observações exploratórias quanto as definitivas como eventos, ou seja, “sequência de ações compartilhadas entre dois ou mais atores que se relacionam e tentam chegar a um sentido comum” (KRAMER, 2014, p. 2). Os eventos registram situações ou momentos em sala de aula ou nos ambientes externos, onde as crianças conversam, cantam, brincam sozinhas ou em pequenos grupos de pares, com ou sem a mediação de um adulto.

### **Pedi a uma das alunas que me explicasse a sua religião. Há manifestações religiosas na escola? Explorar, observar e escutar**

O processo de construção de um projeto de pesquisa implica escolhas e renúncias. A partir dessa premissa, a escolha do campo foi orientada pelo movimento denominado “observações exploratórias”, uma fase preliminar para aprofundar as informações que fundamenta-

---

<sup>2</sup> Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc RJ).

riam o projeto em construção, além de orientar e preparar a escolha e a entrada no campo. Esse período exploratório permitiu avaliar, definir ações e critérios para escolha dos sujeitos, indicando os “instrumentos metodológicos e a sua forma de utilização”. (FREITAS, 2002, p. 33)

Esse movimento foi fundamental para delinear o objeto de estudo, definir questões iniciais, estabelecer contatos para entrada em campo, localizar os participantes e definir procedimentos e instrumentos de coleta de dados a partir da conduta ética de preservação da identidade das instituições e seus sujeitos identificando-os com nomes fictícios e garantindo-lhes, desse modo, o anonimato.

A abertura à pesquisa, o interesse pelo tema e a oferta de matrículas do segundo segmento do Ensino Fundamental foram os critérios adotados para a definição do campo de pesquisa e sujeitos pesquisados.

No percurso, o primeiro passo foi solicitar à direção das escolas a autorização e esse movimento já apontou a definição do campo quando em uma das escolas, ao expor a um dos integrantes da equipe gestora a questão de pesquisa - “O que as crianças, escutam, fazem e falam sobre religião na escola” - a resposta imediata foi a de que as crianças não falavam nada sobre religião na escola. Apesar da negação, as observações exploratórias foram autorizadas e prontamente iniciadas. A resposta do gestor já é um dado de pesquisa, pois se as crianças não falam nada, a questão de pesquisa já estava respondida. Todavia, a partir da proposta da pesquisa se faz necessário ver e ouvir as crianças a fim de conhecer se concordavam com a percepção do adulto.

Ainda nessa escola, professores e diretores, ao tomarem conhecimento do objeto da pesquisa se mostraram mobilizados pelo tema e, na presença da pesquisadora, além de indicar as aulas de ensino religioso como espaço propício às observações, passaram a compartilhar experiências pessoais. Entre os depoimentos, selecionamos o relato de um professor de História:

#### **A surpresa**

*Eu sou de religião cristã. Em uma turma eu tinha alguns alunos do Candomblé. Eles não se escondiam, falavam abertamente sobre sua religião, e isto me chamou a atenção. Então, pedi a uma das alunas que me explicasse a sua religião. Tive uma aula! Ela me explicou detalhadamente, aprendi muito. Fiquei surpreso! (Caderno de campo, 30-01-2018)*

A escola tem papel formador e, ao proporcionar trocas e compartilhar histórias promove o respeito e a tolerância. Nessa narrativa, o professor fala com entusiasmo da conversa com a aluna, mostra abertura ao diálogo e reconhecimento de seu desconhecimento sobre a religião do outro. De igual modo, apesar de a escuta dos professores em seus relatos de experiências não estar relacionada entre as metodologias da pesquisa, ao assumi-lo como um outro, que inserido nesse contexto dele se apropria e ressignifica-o, sua narrativa presentifica um dos modos como a religião se manifesta na escola.

Em outro dia de observação exploratória, olhando e escutando as crianças em interação com seus pares enquanto aguardavam a abertura dos portões, ou seja, fora da sala de aula, um trio de meninos conversavam animadamente.

#### **O filho de Deus**

- “Você sabe quem foi Adão”?

O outro responde:

- Claro! O primeiro homem que Deus fez.

Inicia-se uma disputa.

- Então quero ver se você sabe responder quem foi Jesus.

O colega respondeu:

- O filho de Deus.

A brincadeira é interrompida pelo toque da campainha. (Caderno de campo, 20-09-2017).

A brincadeira é um momento significativo para as observações. No evento apresentado os conhecimentos acerca de religião ganham contornos de um jogo de desafio com perguntas e respostas. Compreendida como elemento da cultura produzida historicamente nas relações sociais, a brincadeira expressa significados, valores e costumes. Para Carvalho, “jogo, brinquedo e brincadeira representam formas singulares de compreensão e apreensão do mundo pelo ser humano, especialmente pelas crianças” (2008, p. 3).

Nesse evento a brincadeira é mediadora do diálogo em que em sua livre expressão as crianças caracterizam os contextos nos quais estão inseridas e o quanto esses influenciam e constituem as suas ações, ou seja, brincando elas demonstram um conhecimento da história cristã e dão indícios da religião que professam.

De acordo com Corsaro (2002), no faz de conta, as crianças evidenciam as experiências de vida. Em seus estudos, o sociólogo faz menção às rotinas familiares e assinala que observar as crianças possibilita conhecer, no passo a passo de suas brincadeiras, sua forma de compreensão da realidade de adultos e de seus papéis. Ainda segundo o autor, as crianças se apropriam criativamente das informações do mundo adulto para, a partir delas, produzir suas próprias culturas de pares. Desse modo, em meio às informações e ao ato de brincar, vão estabelecendo simultaneamente tanto a cultura de pares quanto a reprodução da cultura adulta.

Na construção da pesquisa, as observações exploratórias construídas em diálogo com olhar e escuta atenta às conversas com e entre diretores, professores e crianças, ampliaram as questões iniciais e deram densidade às análises. Tal compreensão aponta para o fato de que quando se está presente, com olhar profundo e inteireza na relação, o diálogo pode acontecer (ZUBEN, 2001).

Outra pista apontada pelas observações exploratórias foi a do desconhecimento de professores e gestores do que vem a ser um projeto de pesquisa acadêmica quando em uma das escolas observadas, embora lhe houvesse sido apresentado e explicado os objetivos do projeto, o diretor em diferentes momentos apresentava a pesquisa como um projeto de trabalho escolar e se mostrava inquieto com a relação direta da pesquisadora com o órgão administrativo regional.

As observações exploratórias foram, portanto, elementos fundamentais ao oferecerem pistas da complexidade do tema da religião na escola e possibilitarem captar e compreender as posturas dos sujeitos de pesquisa, sejam crianças, professores e funcionários ou gestores da escola identificando os seus posicionamentos diante das questões religiosas, da disciplina do ensino religioso e da sua própria religiosidade.

### **“Meu pai me falou que para seguir o que a Bíblia ensina é preciso deixar tudo para trás” - Pesquisa, pesquisadora e pesquisados – uma relação possível**

Conhecido o cotidiano das três instituições observadas e o atendimento aos critérios, definiu-se o campo e os sujeitos. A partir disso foram iniciadas as observações do tipo participante realizadas no período de março-dezembro de 2018 com crianças de uma turma do 6º ano de escolaridade em uma escola de pequeno porte da rede estadual de ensino localizada na Baixada Fluminense, olhando e escutando suas interações com seus pares e com adultos,

dentro e fora de sala de aula. Destaca-se que esse ano de escolaridade marca o período de transição entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e foi sinalizada por uma das crianças conforme o relato a seguir.

#### Minha vida

*A minha vida toda eu estudei em escola particular. Eu não conhecia a maldade, conheci aqui. As pessoas acham que escola pública é uma bagunça. Aqui a diretora é maravilhosa, ela trata as pessoas com carinho e não tem cara de mau. [...] Meu pai me falou para seguir o que a bíblia ensina: é preciso deixar tudo para trás.*

*Eu perguntei a ele o que eu deveria deixar e ele me disse que não posso falar palavrões e fazer coisas erradas. (Antônio, 11 anos, 07-08-2018).*

Em seu relato, Antônio argumenta em favor da escola pública ressaltando o aspecto acolhedor e relacional. Por outro lado, ao analisar o seu processo de mudança de escola, menciona uma expectativa de mudança comportamental fundamentada na religiosidade “para seguir o que a bíblia ensina: é preciso deixar tudo para trás”.

A entrada nas salas de aula para observação foi precedida por uma conversa inicial de apresentação do projeto explicitando o objeto e os objetivos da pesquisa a que as crianças se mostraram receptivas e curiosas. O relato de Antônio pode exemplificar ainda o modo como associou a presença da pesquisadora em sala de aula e o seu esforço de associar a sua compreensão da proposta com a realidade em que se insere, ou seja, em um momento de intervalo, expressa a sua apropriação e interpretação da presença da pesquisadora e do objeto de pesquisa.

Por outro lado, outras crianças se mantem à distância, porém, se comunicam com olhares e sorrisos. Outras se mostram curiosas e até inquietas. No decorrer dos dias, a presença da pesquisadora parece de difícil compreensão tanto para as crianças quanto para os profissionais que se referem a ela como “a professora convidada”. Mas no decorrer dos dias as resistências vão se diluindo e entre pesquisadora e pesquisados se constrói uma relação de confiança, amizade, cordialidade e aceitação, de modo que as curiosidades e dúvidas foram, aos poucos, sendo exteriorizadas de forma livre e espontânea. Essa aproximação, no entanto, possibilitou diálogos que extrapolam o objeto de pesquisa como religião, estado civil, maternidade, viagens, filmes e jogos, séries da “netflix” e o que estava sendo registrado no caderno de campo. Nesses diálogos as crianças expressavam suas opiniões, dúvidas e anseios sinalizando a necessidade de que haja na escola oportunidades para o entrecruzamento sujeito e o aluno. A criança propõe uma escola outra, onde a sua humanidade seja acolhida e respeitada. Uma escola que é espaço de relações. Um convite à abertura, ao encontro, ao diálogo entre os sujeitos que a ocupam de modo a conhecê-los e com eles construir uma educação que se quer de qualidade e para o exercício da cidadania.

Uma pesquisa dialógica exige abertura, escuta e aceitação. O diálogo aponta caminhos para compreender o contexto e os sujeitos envolvidos, tendo em vista que a dimensão socio-política/cultural inclui reflexão sobre o momento histórico, as forças políticas e sociais e as concepções e valores da sociedade presentes e suas percepções.

O campo e as crianças abriram vieses que possibilitaram o entendimento e o reconhecimento do lugar de pesquisadora e a filosofia de Buber (2014) trouxe a compreensão e a clareza de que só se pode conhecer a inteireza da pessoa caso não seja deixada fora a sua subjetividade e o pesquisador não se mantenha como um espectador impassível.

Nas aproximações e observações, a alteridade, como um processo dialógico no qual o elemento comum é o discurso polifônico, composto pelo autor, pelo destinatário e por todas

as outras vozes que nele habitam (BAKTHIN, 2003), foi basilar para observar as crianças e perceber suas ideias, sentimentos, entendimento e imaginação em relação a religião.

## **Você está fazendo uma pesquisa sobre religião e estudando a nossa turma! A roda de conversa**

Durante as observações, em um dia chuvoso, uma oportunidade de aproximação e interação aconteceu em sala de aula. Havia poucas crianças e enquanto aguardavam a chegada do professor (o que acabou não acontecendo), o tempo livre foi se transformando em momentos de descontração e brincadeiras. Foi neste clima descontraído que, com a intenção de forjar um caminho que rompesse com o individualismo imposto pela distribuição das mesas e cadeiras, as crianças estabeleceram uma roda de conversa entre elas e a pesquisadora.

A roda de conversa, de acordo com Melo (2013), é um eficiente espaço de reflexão, como possibilidade de avanços nas relações que se estabelecem no cotidiano escolar. Espaço de diálogo, onde todos podem falar e serem ouvidos.

### **Toda aula ele fala de religião**

As crianças estavam na sala de aula, sozinhas, enquanto aguardavam a próxima aula. Havia poucos alunos que estavam divididos em pequenos grupos. Em um canto estavam Júlia e Jéssica e, no meio da sala, outro grupo que jogava Uno, do qual, aproveitando a oportunidade, me aproximei e, pedi que me ensinassem a jogar. Após alguns minutos, o grupo ao lado pediu para se juntar a nós.

**Pesquisadora:** *Vocês lembram o que eu estou fazendo aqui?*

**Clara:** *Você está estudando!*

**Eduardo:** *Você está fazendo uma pesquisa sobre religião e estudando a nossa turma!*

**Pesquisadora:** *Isso mesmo! Estou fazendo uma pesquisa sobre religião. Fiz algumas anotações, mas gostaria que vocês me falassem se eu perdi alguma coisa. Tem religião na escola?*

**Clara:** *Tem! Nós temos aula de religião com o Hugo (professor de História).*

**Otto:** *Claro que não, ele é professor de História. No início do ano até perguntaram se queríamos ter aula de ensino religioso, mas nunca tivemos.*

**Pesquisadora:** *Por que você acha que o Hugo dá aula de religião?*

**Otto:** *Ele sempre fala de religião.*

**Clara:** *É isso! Toda aula ele fala de religião.*

Duda e Bia balançam a cabeça confirmando.

**Pesquisadora:** *Vocês estão se referindo à aula em que se falou sobre criacionismo e evolucionismo?*

**Otto:** *Também, mas houve outro dia que falou do Egito. Na*

*aula em que falou dos hebreus quando eles eram escravos no Egito.*

O sinal do intervalo toca e interrompe o jogo e a conversa. (Caderno de campo, 30-06-2018).

Apesar de não ter sido previamente planejada, a roda de conversa possibilitou um outro modo de relação entre pesquisadora e os participantes da pesquisa além de oferecer pistas da visão das crianças de como a religião é abordada na escola. Foi também uma oportunidade de desconstrução do lugar do adulto quando a pesquisadora assume o lugar do desconhecimento e oferece às crianças o lugar do saber. O movimento, mediado pela brincadeira possibilitou a interação, descontração, aproximação e diálogo.

Ouvir o que as crianças têm a dizer pressupõe formas outras de escutá-las, “explorando suas múltiplas linguagens”, tomando como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer, bem como o desejo de conhecer o seu ponto de vista (CRUZ, 2008, p.13).

No contexto escolar, o estudo das interações dos sujeitos possibilita conhecer/compreender a partir de práticas, se os espaços são (ou não) construídos no cotidiano numa perspectiva de troca, participação, pertencimento, crescimento, construção e trabalho coletivo, pela via da colaboração (ZLOT, 2012).

Note-se que o diálogo com as crianças, por um lado, revelou o quanto elas já haviam se apropriado da presença da pesquisadora bem como do objeto da pesquisa e seus objetivos. Por outro lado, elas expuseram também a sua compreensão ou incompreensão de como o tema da religião atravessa os conteúdos da disciplina de história e suas inquietações e dificuldades de assimilar esta relação. Com efeito, elas acrescentam que, apesar de ter sido proposto como opção, a escola não oferece a disciplina de ensino religioso àqueles que por ela optam.

Os diálogos com as crianças revelam outras maneiras próprias de ver o mundo, sua resistência às amarras impostas e sua percepção dos acontecimentos (KRAMER, 2003b).

### **“Aqui nessa escola não tem religião, os professores quase não falam, mas tem pessoas que são da Igreja” – A entrevista com as crianças**

Para enfrentar os desafios teórico-metodológicos da pesquisa, o diálogo com vários campos do conhecimento como a filosofia, a sociologia e a antropologia, oferece importantes ferramentas conceituais para olhar e escutar quando as observações na escola se revelaram desafiadoras, sendo necessário desnaturalizar aquilo que constituiu os modos de ser, pensar e agir, enfim, estranhar o familiar (VELHO, 1981). Considerando a escuta como exercício de pesquisa, a entrevista é uma estratégia metodológica que caminha na perspectiva qualitativa buscando possibilitar a compreensão de realidades heterogêneas e contraditórias (ZAGO, 2003).

Tendo a criança na sua centralidade, a pesquisa a entende como pessoa ativa, participante de um grupo, e seus espaços de interação influenciados por suas ações. Portanto sendo uma pesquisa com crianças considera a capacidade infantil de agir e interpretar e a análise da expressão oral do outro/criança se orienta pelas próprias intenções colocadas nessa relação comunicativa (ROCHA, 2008).

Ver e ouvir são ações de pesquisa cruciais para compreender gestos, discursos e ações. Ver no sentido de observar e procurar entender. Ouvir e escutar o que foi dito e o não dito, valorizar a narrativa, entender a história. Este reaprender a ver e ouvir (a estar lá e estar afastado; a participar e anotar; a interagir enquanto observa a interação) requer sensibilidade e teoria, produzida na pesquisa, na trajetória vivida e no cotidiano.

No percurso da pesquisa a proposta inicial do projeto era a de, a partir das observações, após a identificação das manifestações, ou não, da religião, selecionar cinco das crianças observadas para a realização de entrevista coletiva semiestruturada. Todavia, durante a fase exploratória da pesquisa, a proposta foi alterada, visto que a realização da pesquisa de campo

com um observador engajado trouxe desafios que impulsionaram o rompimento com as propostas iniciais e implicaram a escuta do que o campo estava propondo

Para a entrevista com crianças tomamos como referência os estudos de Sarmiento (2011), para quem as entrevistas com crianças merecem particularidade e cuidados, pois, para este sujeito, entrevistas mais formalizadas não têm sentido, devendo, em seu lugar, ser realizado com mais atenção todo o processo de recolha de informação que decorre da observação e da análise de documentos “reais”, isto é, de textos produzidos com uma finalidade pragmática, bem como as “conversas amáveis”, por onde perpassa uma voz autônoma e livre, tão difícil de captar na forma estruturada da entrevista formal (SARMENTO, 2011, p.27).

Em uma perspectiva de registro das entrevistas, através de notas escritas e gravações de áudio, conforme assinalam Lüdke e André (1995), foi convidada uma das pesquisadoras do Grupo de Pesquisa<sup>3</sup> em que a pesquisadora atua, para participar das entrevistas como observadora e estar atenta não somente às declarações dos entrevistados, mas ao que não é dito, a linguagem não-verbal, tendo em vista que este é um material importante para a compreensão e validação do que foi efetivamente dito. “Na situação de entrevista, compreender ativamente o enunciado de outrem significa orientar-se para o outro” (FREITAS, 2007, p.35).

Segundo Bakhtin os “já-ditos”, ou seja, todos os enunciados carregados de enunciados anteriores a ele, “em todas as direções, se encontram no discurso e esse discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (2002, p. 88). A compreensão sobre o que foi dito, implícita ou explicitamente, não é exclusiva de um participante de uma relação dialógica: o fenômeno do diálogo é apreendido de modos distintos, tendo em vista as perspectivas de audição e demais percepções envolvidas no instante em que ocorre o encontro com o outro.

As entrevistas, no contexto da pesquisa com crianças, passam a ser um momento de diálogo, escuta e troca. Assim, “buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer, bem como o desejo de conhecer o ponto de vista delas” (CRUZ, 2008, p. 13).

Segundo Rocha (2008), “o termo escuta não é apenas uma mera percepção auditiva nem simples recepção da informação - envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro” (p.45). Inclui a recepção e compreensão, que, principalmente neste caso, o da escuta da criança por adulto, sempre passará por uma interpretação.

Ao optar pela investigação de um tema complexo como a religião e tomar a criança como sujeito de pesquisa, Delgado e Muller (2005) contribuem quando assinalam questões que inquietam os pesquisadores na condição adulta:

Como nós, adultos, podemos realmente apreender as culturas infantis e os modos de ser e estar no mundo das crianças? Será que nossas conhecidas estratégias metodológicas dão conta desse intento? Como podemos criar formas de aproximação com as crianças, que permitam obter certa aceitabilidade e credibilidade nos grupos infantis? Que escolhas metodológicas possibilitam descentralizar parte dos olhares “adultocêntricos” /etnocêntricos que costumam predominar em nossas análises? (DELGADO e MULLER, 2005, p. 165).

De acordo com Corsaro (2011), entender as crianças como sujeitos de pesquisa em vez de objetos, exige que os pesquisadores desenvolvam novos métodos que diferem dos méto-

dos tradicionais utilizados para estudar os adultos, refina-os e os ajustem de acordo com as necessidades específicas e particularidades do grupo. Desse modo, os levantamentos e discussões teóricas e metodológicas sobre entrevista favorecem a construção, contextualização e ainda corroboram a relevância desta pesquisa que objetiva conhecer e compreender o que as crianças escutam, praticam e falam sobre a religião na escola. A partir disto, o processo para a realização das entrevistas foi consolidado na perspectiva do diálogo.

Diante disto, após a fase exploratória da pesquisa, diferente do previsto e, a partir do interesse e do acolhimento do grupo ao tema da pesquisa, o convite para a participação na entrevista foi estendido às quarenta crianças da turma que, numa perspectiva ética de pesquisa, foi acompanhado dos termos de assentimento para as crianças e consentimento/livre esclarecido para os responsáveis. Porém, apesar do entusiasmo das crianças, o resultado não foi o esperado, e, apenas uma criança trouxe o termo assinado.

O termo de assentimento para as crianças coaduna com o proposto por Ferreira (2010) que, ao discutir a forma de reposicionar o lugar das crianças nas pesquisas, opta por entender a autorização da criança como assentimento que seria mais do que falar em consentimento informado, pois em seu entendimento “as crianças são capazes de decidir acerca da permissão ou não da sua observabilidade e participação, evidenciando assim a sua agência” (p. 164-165).

No esforço para a realização das entrevistas foram realizadas três novas tentativas. A primeira, já relatada; a segunda que aconteceu no portão, durante o horário de entrada e saída, quando houve conversas com as crianças e, em uma dessas conversas, Felipe relatou - “*minha mãe não me deixou participar da entrevista*”, enquanto Francisco, sem nenhuma explicação, devolve o termo em branco. Conclui-se então que alguns pais não dariam as autorizações, mesmo os daquelas que estavam interessadas em contribuir com a pesquisa. Essa resistência abre caminhos para novas questões e possibilidades para outros estudos quando implica conhecer se a resistência é a pesquisa científica ou ao tema da religião, por exemplo.

Diante disso, com o apoio e orientação dos diretores da escola, foi realizada a terceira tentativa na reunião dos responsáveis quando houve abertura para explicação do projeto e tirar dúvidas sobre a pesquisa. Durante a exposição feita pela pesquisadora, apenas uma das responsáveis voluntariou-se para a entrevista, demonstrando entusiasmo e empatia. *Eu quero que minha filha participe da entrevista, afirmou.* (Caderno de Campo, 21.10.2018). Ao final da reunião, a mãe voluntária foi informada que, neste trabalho, além da autorização do responsável, a criança também precisa aceitar participar. Ela prontamente chamou a filha que aceitou, e ambas assinaram os termos.

A partir das três tentativas foram recebidos dois termos de consentimento assinados. Um, através das crianças, e o outro na reunião dos responsáveis.

O contexto de autorização das entrevistas trouxe uma questão que inquieta e instiga: a permissão do responsável autorizando a participação de estudante. Uma das crianças insistia em participar da entrevista, mas não teve o consentimento dos responsáveis, e como era menor e, portanto, sob a tutela dos adultos, concordamos com o consentimento como conduta ética, e registramos nossa percepção de que, entendidas como sujeitos, o desejo de participação das crianças aponta para a sua compreensão da importância do objeto de estudo e o desejo de relatar suas experiências e impressões.

As questões éticas de participação de crianças em entrevistas estão impressas nas resoluções sobre ética em pesquisa das quais participem seres humanos, de forma direta ou indireta (Resolução do CNS 196/96, Resolução CNS 466/12 e Resolução CNS 510/16), e expressas na atuação de Comitês de Ética em Pesquisa. Em ambos, as crianças são tidas como pessoas em situação de vulnerabilidade<sup>4</sup>.

Diante disso, na perspectiva das questões éticas que permeia as pesquisas qualitativas, os termos de assentimento e consentimento foram assinados pelos responsáveis e pelas crianças com o compromisso de garantia do sigilo das informações obtidas no anonimato dos

4 A situação de vulnerabilidade do menor é observada na Resolução CNS Nº 466/2012, II.25: [...] estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida ou impedida, ou de qualquer forma estejam impedidos de opor resistência, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido (BRASIL, 2012).

sujeitos, estabelecido através de nomes fictícios e controle do que pode ou não vir a público, permitindo-lhe o direito ao veto ou de desistência em participar.

Com a utilização de anotações e gravadores, a primeira entrevista foi realizada em dia e horário previamente combinado com a criança, a família e a direção da escola. Desse modo, uma entrevista foi realizada no horário de aula e a outra, atendendo à solicitação da criança, no contraturno de seu horário escolar.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no interior da escola e, conduzidas num tom de conversa a fim de possibilitar o diálogo, a narrativa de experiências e a exposição das ideias (KRAMER, 2003b). A fim de possibilitar a interação, a literatura foi utilizada como instrumento de mediação e as foram iniciadas com a leitura do livro “Aqui estamos nós. Notas sobre como viver no planeta terra”, de Jeffers Oliver (2018).

Segundo Lüdke e André (1995), o aspecto da entrevista semiestruturada possibilita o diálogo, ou seja, por não haver uma imposição de ordem rígida das questões, permite-se que haja uma maior fluidez, possibilitando maior notabilidade e autenticidade na fala dos entrevistados. A entrevista é um processo de interação social e como método de coleta de dados, oportuniza captar as concepções dos sujeitos envolvidos.

A entrevista foi orientada por roteiro construído a partir das questões levantadas durante as observações. De acordo com André (1995), as entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Neste sentido, uma das questões colocadas às entrevistadas era se elas eram crianças ou adolescentes.

**Gleice (com um sorriso):** *Para mim, eu ainda sou criança.* (Ent., 11 anos, 05.12.2018).

**Poly:** *Eu não me considero criança pelas coisas que já faço, por exemplo, olhar minha irmã, ajudar minha mãe em casa.* (Ent., 12 anos, 10.12. 2018).

Para Barros (2012, p.64), “o trabalho do pesquisador é um exercício exotópico. Se, por um lado, é preciso colocar-se no lugar do outro, coincidir com ele, para compreender seu ponto de vista”.

Diante da questão, as duas entrevistadas que têm quase a mesma idade, frequentam a mesma escola, apresentam concepções distintas que demarcam suas experiências e vivências, corroboram a afirmação de Sarmento e Pinto (1997), de que ser criança não é uma idade de transição, mas uma condição social que varia entre sociedades, culturas e comunidades, no interior de uma mesma família, tradições, contextos e estratificação social.

Bakhtin (2008), destaca o valor fundamental da palavra como o modo de interação social, da criação ideológica.

Fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência que funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for. (BAKHTIN, 2008, p. 37).

A questão central das entrevistas foi construída com vistas a perceber se, na perspectiva das crianças, existe religião na escola, e se, na visão delas, a religião aparece de alguma forma no interior das salas de aula.

O conceito de exotopia em Bakhtin analisado por Pereira (2010), passa por uma relação dialógica produtiva, ou seja, quando, a partir do que percebo no que você vê em mim, consigo ver-me de maneira diferenciada e não coincidente com a visão que eu tinha a meu próprio respeito antes, o que significará um acréscimo de visão e consciência. O processo exotópico se realiza justamente quando, munido desse olhar do outro, retorno a mim mesmo e efetivamen-

te coloco em ação o excedente de visão que o outro me proporcionou, o que atualiza muito do que penso sobre o mundo.

De acordo com Bakhtin (2008, p. 309), o “diálogo exterior expresso é inseparável do diálogo interior” e, em certo sentido, nele se baseia; e ambos são igualmente inseparáveis do grande diálogo do romance no seu todo, que os engloba.

**Pesquisadora:** *Existe alguma coisa que você gostaria de falar e que não foi perguntado?*

**Poly:** *Você ter começado a vir mudou o pensamento de muita gente. O meu e o das meninas.*

**Pesquisadora:** *Em que sentido?*

**Poly:** *No sentido religioso, nós não falávamos sobre isso. Depois que você passou a vir, ficamos curiosas; começamos a falar mais sobre o assunto. Nós estudamos juntas há muito tempo e nunca tínhamos falado sobre isso. (Ent., 12 anos, 10.12. 2018).*

Ao relacionar as observações, entrevistas e documentos, constata-se que a religião está presente nos sujeitos que integram o cotidiano escolar. A fala da criança entrevistada, no entanto, revela que o silenciamento é resultado da falta de diálogo sobre o tema que a realização da pesquisa e a presença da pesquisadora, fez emergir.

Jobim e Souza (2008) considera que uma “tentativa de romper com a concepção dominante, que vê a criança como o *infant*, ou seja, “aquele que não tem fala”, para colocá-la no lugar de protagonista, em defesa de seu status de sujeito de direitos”, é investigar, é escutar os “sentidos e significados que as crianças atribuem a diversos fenômenos da sua vivência cotidiana na contemporaneidade” (p. 175).

Tendo por base as reflexões epistemológicas de Bakhtin (2010), Jobim e Souza (2011) afirma que os princípios orientadores do ato de pesquisar são:

o contexto da pesquisa, espaço de construção de consciência de si e do outro na produção do conhecimento responsável. Tanto pesquisador como os sujeitos da pesquisa se transformam no ato de pesquisar (p.40).

A compreensão da entrevistada da interferência da pesquisa nas relações escolares aponta para a importância da pesquisa em que as crianças no lugar de protagonistas revelam sentidos e significados que atribuem ao tema da religião na sua vivência cotidiana.

## Considerações Finais

A pesquisa tem na criança a sua centralidade, na qual ela é entendida como pessoa ativa, participante de um grupo, e seus espaços de interação influenciados por suas ações, nessa perspectiva aborda a criança em suas interações, com vistas a captar o diálogo, a religião e a escola e afirma o reconhecimento da criança na sua potência como construtora de conhecimentos, capaz de expressar o que pensa, sente e produz, sujeito ativo e participante.

No campo da educação, os desafios da pesquisa com crianças têm se apresentado nos modos como são reconhecidas em sua inteireza enquanto pessoa, no sentido do olhar e ver o outro precisamente como ele é, com conhecimento íntimo de quem ele é.

Entender o espaço escolar como espaço fecundo para a investigação implica uma preocupação com o lugar da subjetividade do pesquisador e do pesquisado, desse modo se torna impossível atingir a total objetividade e a subjetividade e também tem importância nas opções

e interpretações realizadas.

Nesse movimento, escuta vai além de percepção auditiva e informações recebidas, envolve a compreensão das expressões corporais, gestuais e faciais, ou seja, a análise do processo de comunicação que deve se atrelar às diversas linguagens com que as crianças se expressam.

Assumir o olhar e escuta das crianças, nas práticas, no que fazem entre si quando brincam, cantam, contam, comentam e falam durante suas atividades espontâneas ou propostas no espaço escolar, implica pensar o lugar que ocupam nas instituições de ensino, compreendendo que as crianças não reproduzem diretamente o mundo dos adultos e que são capazes de estabelecer uma nova relação com o que lhes é apresentado. Diante disso, entrar no espaço escolar para pesquisar o que as crianças falam, escutam e praticam sobre religião é reafirmar a importância das perguntas como possibilidade de produzir novas significações.

A multiplicidade e a complexidade das relações humanas e sociais convidam ao diálogo. Esse diálogo entendido como encontro, momento de aproximação entre pessoas nos simples acontecimentos da vida. Quando se está aberto às relações, ao reconhecimento do outro e do tempo em que se está com o outro, porque há o encontro “entre” o Eu e o Tu na reciprocidade de uma ação vivida na sua inteireza e os sujeitos inteiros nesta ação, são estabelecidos laços, elos, conexões, cada um se volta ao outro, vivendo em um mesmo tempo – no presente – e em presença (BUBER, 2001).

No que se refere à educação, faz-se urgente a compreensão de que as práticas cotidianas, construídas com as crianças, sejam estruturadas no diálogo a fim de que Eu e Tu se afetem e atuem nesta relação com acolhimento e reciprocidade.

Diante de tais considerações, cumpre ressaltar que foram muitos os desafios da pesquisa, mas o procedimento ético e os referenciais teóricos contribuíram para a construção de um ambiente de confiança, de interação, aprendizagem, reconhecendo que somos feitos de pluralidade.

As relações e interações entre os sujeitos estão em perigo pela ausência de atitudes de aceitação e reconhecimento do outro, seja ele igual ou diferente. Abordar o diálogo e o diálogo com e entre as crianças, como objeto de estudo, é uma oportunidade de apresentar empregando palavras, o que foi observado desenvolvendo a escuta, tendo presença e assumindo responsabilidade. Dessa maneira no cotidiano, foram tecidas relações e criados vínculos, entre os sujeitos que integram escola e a pesquisadora, ou seja, relações entre adulto-adulto/adulto-criança.

## Referências

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Problema da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. Ed, Tradução de Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Anablume; Hucitec, 2002.

BARCELLOS, J. **Entre diálogos e silenciamentos: o que dizem os professores sobre a religião no**

**cotidiano das escolas?**. Rio de Janeiro, 2016. 158p. Dissertação de Mestrado- Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. ; ANDRADE, M. **A religião entra na escola pública: uma análise da intolerância religiosa na escola**. In: XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino- **ENDIPE**. Fortaleza: UECE, 2014.

BARROS, C. dos A. **Ainda temos muito para caminhar, mas a menina dos olhos é a formação: políticas públicas e escolaridade de profissionais da educação infantil**. Rio de Janeiro, 2012. 113p. Dissertação de Mestrado- Mestrado: Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Comunidade**. Seleção e Introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **El camino del ser humano y otros escritos**. Salamanca: Kadmos, 2004.

\_\_\_\_\_. **Eu e Tu**. Trad. e introdução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.

\_\_\_\_\_. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009; p. 31-50.

\_\_\_\_\_. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças**. Educação, Sociedade e Cultura, Porto, Portugal, n.17, p.113-134, 2002.

CARVALHO, L. D. **Infância, brincadeira e cultura**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, 2008, Caxambu. Anais... Recife, p. 1-21. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-4926-int.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

CRUZ, S. H. V.; CRUZ, R. C.A. **A Perspectiva de crianças sobre a creche**. Eventos Pedagógicos , v. 6, p. 155, 2015.

CRUZ, E. A. de S. e. **O currículo de História da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro- as identidades no ensino da História do Brasil: Quais são os espaços da História da África e do Negro (Lei nº 10.639/03)?**. Trabalho apresentado XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

CRUZ, S. H. V. (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças e pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. **Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas**. Cadernos de pesquisa, v. 35, p. 161-179, maio/ago. 2005.

FERREIRA, M. **"Ela é nossa prisioneira!"** – Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Repositório Aberto**. Universidade do Porto, 2010.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 2013.

FREITAS, M. T. **A pesquisa em educação: questões e desafios**. Vertentes, São João Del-Rei, v. 1, p. 28-37, 2007.

\_\_\_\_\_; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. caderno de Pesquisa, n 116, p. 21-32, 2002.

GEERTZ, C. A. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT Editora, 1989.

JOBIM E SOUZA. S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 2008.

JOBIM E SOUZA. S. Mikhail Bakhtin e as ciências humanas: sobre o ato de pesquisar. In Freitas. M.T.A. (Orgs). **Escola tecnologia digitais e cinema**. Juiz de Fora:Ed. UFJF, 2011

KRAMER, S. Na pré-escola, na escola: a insustentável leveza de ser e estar com crianças?. In: Cintra, Rosana Gonçalves Gomes. (Org.). **Desafios da prática docente na educação da infância: pesquisas no cenário contemporânea**. 1ed.Campo Grande/MS: Oeste, 2014, v. 1, p. 13-36.

\_\_\_\_\_; MOTTA, F.M.N. Criança. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

\_\_\_\_\_. **De que professor precisamos para a educação infantil? Uma pergunta, várias respostas**. Pátio Educação Infantil. São Paulo, v.2, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola: leitura, escrita e formação de professores**. São Paulo: Ática, 2003b.

\_\_\_\_\_. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1992. (coleção biblioteca da educação. Serie 1. Escola; v. 3).

LANNES, P. P. P. **Entre o visível e o invisível: a presença da criança na instituição de Educação Infantil**. Rio de Janeiro, RJ, 2015. 1080p. Dissertação de Mestrado: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1995.

MELO, M. C. H. de. **Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar**. Ponta Grossa, PR, 2013,110p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Ponta Grossa.

OLIVER, J. **Aqui estamos nós: notas sobre como viver no planeta terra**, São Paulo, Salamandra, ilustração do autor; tradução Yukari Fugimura, 2018.

PEREIRA, M. J. C. **O Conceito de exotopia em Bakhtin: uma análise de O filho eterno, de Cristovão Tezza**. Curitiba, 2010, 248p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras.

PINTO, M. e SARMENTO, M.J. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: PINTO, M. e SARMENTO, M (Coord.). **As crianças: contextos e identidades**. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 1997.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para o debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças e pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43-51.

SARMENTO, M. J. O Estudo de Caso Etnográfico em Educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.) **Itinerários de Pesquisa - Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina (2ª edição), 2011, p 137-179.

VELHO, G. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Hugo Zahar, p.121-132, 1981.

ZAGO, N.N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. IN ZAGO, N.N. et al. **Itinerários de Pesquisa – perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.

ZLOT, G. R. W. **Crianças, adultos e as interações na escola: encontros no cotidiano**. Rio de Janeiro, 2012. 121p. Dissertação de Mestrado: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ZUBEN, N. A. V. Introdução (p. I-LXXIII) e Notas do Tradutor. In: BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

Recebido em 12 de dezembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.